



UNICAMP

EVENTO:

"PARA BOULEZ, MTV SÃO DEZENAS DE VIVALDIS"

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 07/Novembro 96

PÁGINA: 4-11

SEÇÃO: ILUSTRADA



Para Boulez, MTV são dezenas de Vivaldis

ARTHUR NESTROVSKI
especial para a Folha

Há uma série de contos de Henry James (1843-1916) sobre escritores no auge da fama e afastados por essa mesma fama da prática da literatura. Naquele ponto onde deveriam estar dando suas maiores obras, vêem-se jogados no burburinho de uma vida cheia, cujo preço é uma arte vazia.

O compositor, maestro, escritor e professor Pierre Boulez poderia servir de tema para outra espécie de fábula: o homem integrado, que levou plenamente a termo suas virtudes, levou a si mesmo até onde tinha de levar — e continua.

Aos 71 anos, com uma agenda que daria medo a um rapaz de 17, Boulez continua em pleno exercício de sua arte.

Tão tranquilo nos modos quanto é irrequieto no pensamento, sempre cordial e sem nenhuma pompa, Boulez participou de um encontro com um pequeno grupo de compositores e alunos, promovido pela Faculdade Santa Marcelina.

Sob a coordenação do compositor Flo Menezes e com a presença de Gilberto Mendes e Aylton Escobar, o encontro foi um dos pontos altos da passagem de Pierre Boulez pela cidade no final de outubro, quando regerá dois concertos do Ensemble InterContemporain.

Durante uma hora e meia, ele respondeu perguntas sobre a sua própria música, o uso de computadores, o teatro musical e a música popular. O que se segue é uma transcrição livre dos pontos mais relevantes da conversa.

NOVO LIVRO - No ano passado,



O compositor, maestro, escritor e professor Pierre Boulez, 71, que esteve em SP, onde regerá dois concertos do Ensemble InterContemporain

dei minhas últimas aulas no Collège de France, sobre o tema da obra como fragmento — cada obra como fragmento de uma obra maior, "in progress".

Essas aulas estão agora nas mãos do musicólogo Jean-Jacques Nattiez e serão editadas em livro dentro de dois anos.

USO DO COMPUTADOR - O computador serve de duas formas ao compositor instrumental: na preparação de materiais e na elab-

oração da estrutura.

Pode, por exemplo, calcular a transição, com variações, de um acorde a outro, na orquestra. Outro exemplo, que empreguei em "Répons": a reverberação e repetição acelerada de gestos instrumentais.

Em "Répons", uma determinada figura rítmica, repetida e transformada pelo computador, em tempo real, pode servir de fundo contínuo para a música.

É como olhar as nuvens: você ob-

serva sua forma, que é muito bonita. Presta atenção em outra coisa. Quando volta a olhar, a nuvem já mudou. O objeto é inteiramente diverso, embora seja da mesma natureza.

É isso o que acontece com essas texturas de fundo em "Répons", que são trazidas à tona, ocasionalmente, por algum gesto deliberado dos instrumentos — como, por exemplo, um relâmpago, que faz ver as nuvens no céu da noite por um instante, antes que desapare-

çam mais uma vez.

ÓPERA - Gostaria de pôr em prática uma outra espécie de teatro musical. O espaço físico da ópera convencional precisa ser reimaginado.

Novas tecnologias da voz precisam ser integradas à música, assim como os recursos do teatro moderno. E do teatro oriental: máscaras, ou marionetes, à maneira do "Bunraku" japonês.

Tinha planos para uma ópera

com libreto de Jean Genet. Genet morreu. Outro colaborador, Heiner Müller, morreu também em dezembro, um mês antes de começarmos o trabalho.

Preciso achar outro, se é que alguém vai ter coragem... O importante é que a colaboração deve ser real desde o início, entre o libretista, o diretor de teatro e compositor.

MÚSICA ELETROACÚSTICA - Concertos de música em fita, sem participação de instrumentistas, me fazem pensar numa cerimônia fúnebre: a audiência calada e imóvel, observando a cremação do corpo.

Você pode escutar uma sinfonia de Mahler em disco, em casa, e ter uma experiência muito rica. Mas seria absurdo botar um disco no teatro, para 2.000 pessoas.

MÚSICA POPULAR - Até a época de Mozart e Beethoven, a música popular e a erudita compartilhavam o mesmo vocabulário. Depois disso, não será mais o caso. Há coisas de que gosto em música popular: a espontaneidade e a ausência da História, com "h" maiúsculo. Mas não tolero a repetição rígida de modelos (que vão sendo substituídos a cada um ou dois anos).

Você começa a ver MTV e pode até ser interessante. Mas, depois de 20 minutos, é impossível. São dezenas de Vivaldis — escrevendo sempre o mesmo concerto.

E, depois, convenhamos, para um século que começa com "A Sagração da Primavera", de Stravinski, é muito pouco continuar, até hoje, insistindo no 1-2-3-4, 1-2-3-4, 1-2-3-4. É muito pouco — mesmo com as síncopes!

Divulgação